

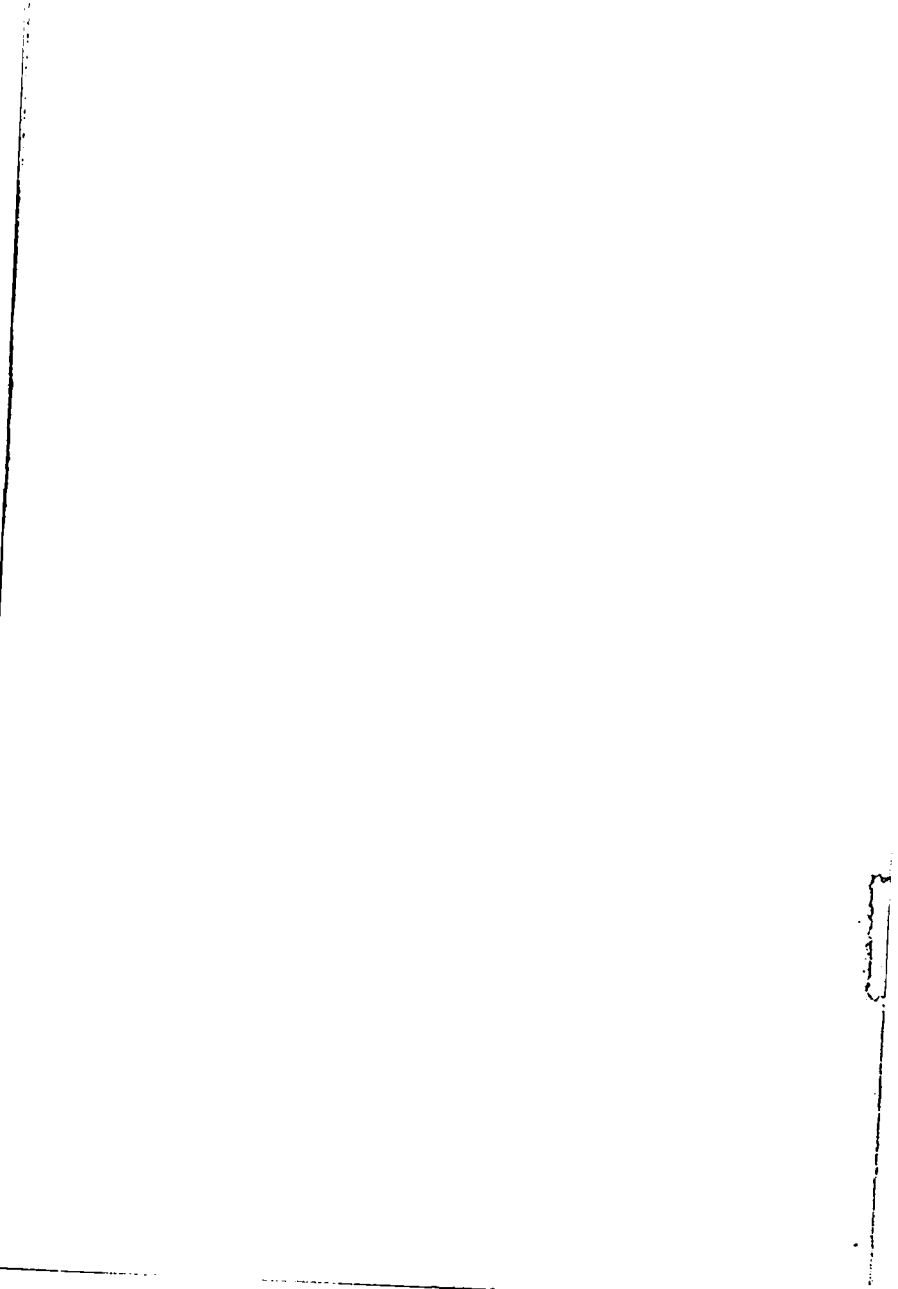
VOZES EM DEFESA DA FÉ

CADERNO

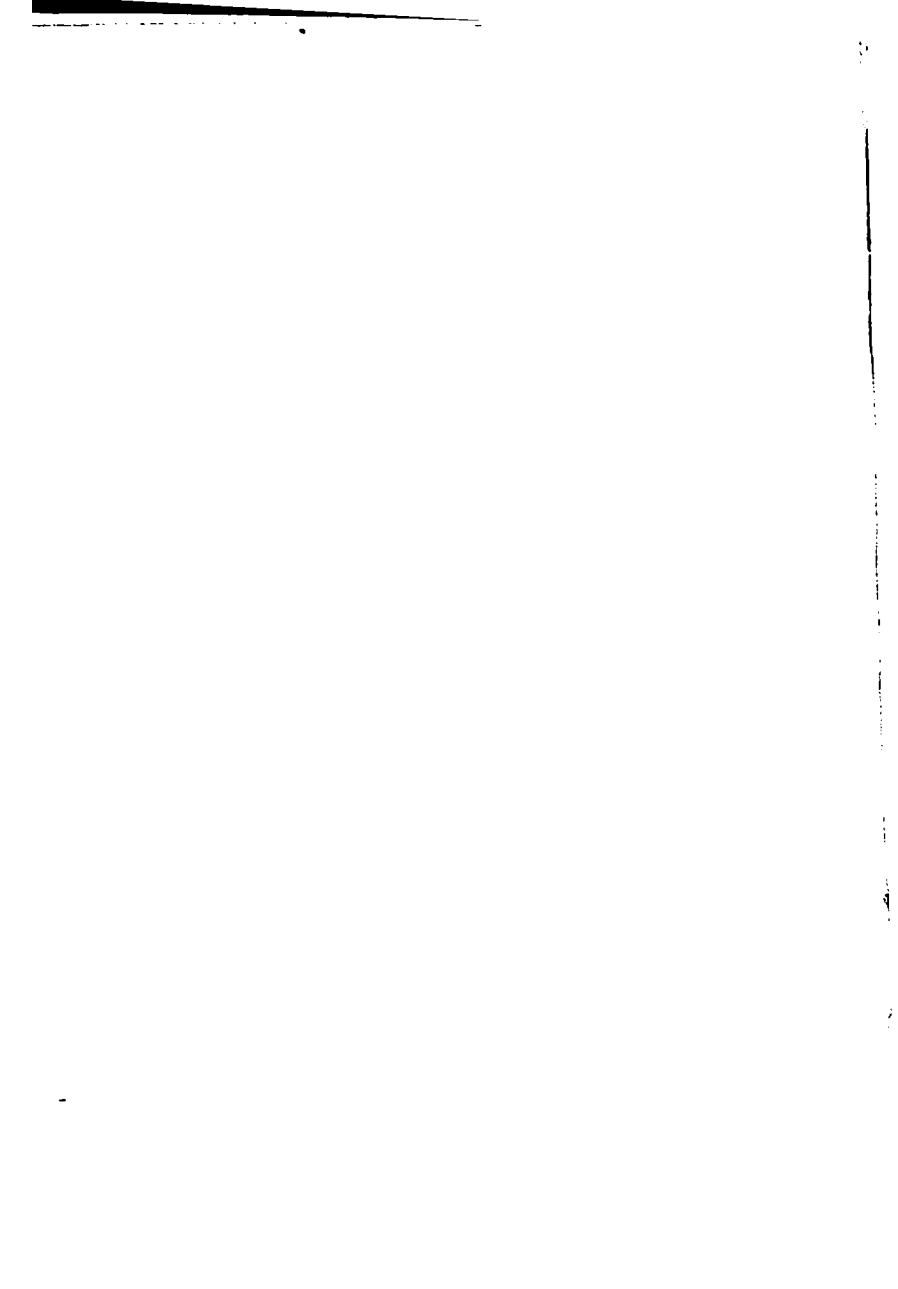
19

**OS
ADVENTISTAS**

**PUBLICAÇÃO DO SECRETARIADO
NACIONAL DE DEFESA DA FÉ**



OS ADVENTISTAS



VOZES EM DEFESA DA FÉ

CADERNO 19

PE. DR. L. RUMBLE, M. S. C.

OS ADVENTISTAS

**PUBLICAÇÃO DO
SECRETARIADO NACIONAL DE DEFESA DA FÉ
EDITORA VOZES LIMITADA
1959**

I M P R I M A T U R
POR COMISSÃO ESPECIAL DO EXMO.
E REVMO. SR. DOM MANUEL PEDRO
DA CUNHA CINTRA, BISPO DE PE-
TRÓPOLIS. FREI DESIDÉRIO KALVER-
KAMP, O. F. M. PETRÓPOLIS, 6-IV-1959.

**Título do original inglês: The Adventists e The Seventh
Day Adventists.**

**Publicado pelos Fathers Rumble & Carty, Saint Paul 1,
Minn. U. S. A.**

Copyright by the RADIO REPLIES PRESS

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

OS ADVENTISTAS

Os Adventistas do Sétimo Dia, no seu trato com o público pareceriam ter adotado a política de ocultar tanto quanto possível a sua identidade. Quantidade de pessoas patrocinam os Alimentos Sanitários ou jantam nos Restaurantes Sanitários por êles explorados, sem perceberem serem fregueses dos Adventistas do Sétimo Dia — a não ser, como sucedeu a um amigo meu, que ocasionalmente se viesse a achar debaixo do saleiro um folheto contendo a espantosa informação de que o Papa é a “Bêsta” do Apocalipse!

Viajantes vão de porta em porta vendendo um livro em dois volumes chamado “O Conflito dos Séculos”. Este livro foi escrito por E. G. White. Para induzir os Católicos a comprá-lo, a despeito das suas muitas interpretações errôneas da Escritura, os agentes dizem a êles que se trata de uma Vida de Cristo belamente ilustrada, citam referências em louvor dêle (ao menos em um caso obtidas mediante informação falsa, como a escritora mais tarde alegou), e cheques recebidos para pagamentos em nome dos “Distribuidores Locais”. Não há o mais leve vislumbre de estarem os livros sendo vendidos em favor dos Adventistas do Sétimo Dia, e tôdas as perguntas são respondidas por evasivas. Os vendedores podem dizer que representam “Missões Interdenominacionais”, ou recorrer a algum outro subterfúgio. Uma só coisa êles não dirão, e é que são Adventistas do Sétimo Dia.

ORIGEM DO ADVENTISMO

No ano de 1740, George Whitefield, pregador Metodista que fôra companheiro de John Wesley na Inglaterra, foi para a América e ateou as chamas de um movimento "revivificador" que se propagou pelas fileiras dos colonos ali, com o resultado, em muitos casos, daquilo que só se pode descrever como frenesi religioso. Exortadores ambulantes mantinham o povo num estado de ininterrupta excitação. Uma epidemia de leitura da Bíblia alastrou-se por todos os lados; e o Apocalipse, ou Livro da Revelação, que sempre foi o feliz campo de caça de argúcias religiosas, provou-se muito atraente para os fanáticos.

O Livro da Revelação, ou Apocalipse, é, por certo, a Palavra de Deus inspirada, tanto como qualquer outra parte da Bíblia; mas, devido ao seu caráter místico e simbólico, é um dos mais difíceis de entender. Escrevendo na sua época perigosa, de geral perseguição movida pelos imperadores, S. João desejou fortalecer os cristãos pela sua predição da vitória final do bem sobre o mal. E deixou-nos o legado da sua inspirada segurança de que Cristo virá realmente a julgar o gênero humano, derrotando Satanás e redimindo os bons desta arena mundana de discórdia e luta e sacrifício.

Concentrando-se numa interpretação literal incerta das passagens apocalípticas, muitos adotaram como característico central da sua religião uma expectativa da volta iminente de Cristo para reinar por mil anos na terra, com os seus quartéis-generais em Jerusalém. Ensinavam que, após êsse Milênio, os maus, inclusive Satanás e todos os espíritos maus, serão aniquilados, enquanto que Cristo e os Santos ascenderão à eterna bem-aventurança no Céu.

Os que aderiram a essas idéias gerais do segundo advento iminente de Cristo, embora com muitas variações quanto à minúcia, ficaram sendo conhecidos como "Adventistas".

WILLIAM MILLER

Entre êsses novos exploradores do Apocalipse estava um homem chamado William Miller. William Miller nasceu a 15 de fevereiro de 1782 em Pittsfield, Massachusetts, E. U. A. Quatro anos após o seu nascimento, a família mudou-se para Low Hampton, N. Y., onde William se fêz fazendeiro, e fazendeiro completamente irreligioso.

Contudo, quando tinha trinta e quatro anos de idade, William Miller foi convertido numa reunião "revivificadora" e fêz-se Batista. Um ardente estudo da Bíblia — para o qual de modo algum estava apto — qualificou-o como pregador Batista, e êle cada vez mais se dedicou a explanações da profecia bíblica. Combinando as profecias do Livro de Daniel com as do Apocalipse, concluiu que o Papado era o anticristo. Lendo em Daniel (8, 14): "E êle me disse: Dentro em dois mil e trezentos dias o santuário será purificado", decidiu que a "purificação do santuário" se referia ao segundo advento de Cristo, e que essa volta pessoal de Cristo para purificar o mundo teria lugar a 21 de março de 1843.

Por isso, em 1818 começou a pregar que, dentro em cêrca de 25 anos de então, o presente estado do mundo chegaria ao fim, e seria estabelecido o reinado de Cristo. Por dez anos lecionou de cima a baixo o país, promovendo vigorosa propaganda por meio de um jornal que êle fundara e denominara "Os Sinais dos Tempos", ganhando milhares de pessoas para a

sua crença de que o mundo acabaria em 1843. Desde muito que rompera completamente com os Batistas, e ele e seus companheiros tornaram-se conhecidos como os "Milleristas".

Quando se aproximou o 21 de março de 1843, terrífica excitação reinou entre eles; mas aí!, o dia veio e se foi sem que nada acontecesse. Miller voltou aos seus cálculos, examinou-os outra vez, e descobriu que se enganara no ano. 21 de março de 1844 é que era a data exata. E, quando também esta falhou, ele mudou a data para 22 de outubro de 1844. O fracasso desta vez destruiu-lhe a confiança nas suas predições, e ele declarou que o segundo advento certamente teria lugar breve, mas que não podia dizer quando.

PRIMEIRA IGREJA ADVENTISTA

A 29 de abril de 1845, os Milleristas promoveram uma Conferência em Albany, N. Y., para definir as suas intenções e planejar para o futuro. Decidiram adotar uma base congregacionalista de organização, e redigiram uma declaração de fé que incluía a crença só na Bíblia, na segunda vinda iminente de Cristo, na ruína do Papado, e no próximo estabelecimento do Reinado Milenário de Cristo na terra.

Nenhuma data foi marcada para o segundo advento; mas é certo que, se então lhes houvessem dito que, em 1950, mais de cem anos depois, o mundo ainda continuaria como usualmente, eles teriam sido completamente incrédulos e desdenhosos sobre isso. Deve-se também notar que os Milleristas não tinham idéia de haver algo errado na observância Cristã do Domingo. De fato, os Adventistas que haviam adotado a observância do Sábado em vez de do Domingo foram excluídos pela Conferência de Albany. O pobre do Wil-

liam Miller, que morreu a 20 de dezembro de 1849, não teve idéia de que, durante todo o tempo — de acôrdo com os modernos Adventistas do Sétimo Dia —, tinha estado sujeito a um lôgro satânico pela sua observância do Domingo!

Em 1858 outra Conferência foi levada a efeito em Boston, na qual foi adotado o nome de “Associação Milenária Americana”, para alguns anos depois ser alterado para “Associação Evangélica Adventista”. Mas, através de tôdas essas mudanças, o número dos adeptos ia firmemente diminuindo. O fracasso da profecia de William Miller de que o segundo advento de Cristo ocorreria a 22 de outubro de 1844 pareceu um obstáculo grande demais para que o movimento Adventista vencesse.

Entretanto, nova vida adveio com a notável descoberta feita por um tal Hiram Edson, de Port Gibson. Êste declarou que os cálculos de William Miller eram exatos, apesar de tudo. Porém Miller compreendera mal a natureza da segunda vinda de Cristo. Hiram Edson teve uma “revelação” de que o “santuário a ser purificado”, consoante Daniel 8, 14, “é no Céu, e não na terra”. E citou a Epístola aos Hebreus (8, 1-2): “Temos um Sumo Sacerdote... nos céus; um ministro do santuário”. A 22 de outubro de 1844, — declarou êle — Cristo entrou no santuário celeste para purificá-lo! E’ verdade que Cristo entrou no Céu por ocasião da ascensão; mas — disse Hiram — então Êle não entrou no Santuário Interior. Êsse acontecimento teve lugar em 1844, quando Cristo começou a examinar os documentos de todo o gênero humano, já morto ou ainda vivo. Em 1884 a senhora Ellen G. White — da qual nos ocuparemos mais adiante — escreveu, em explicação disso: “O juízo está passando agora ao santuário superior. Quarenta anos

êsse trabalho vem-se processando. Breve — ninguém sabe quando — êle passará aos casos dos vivos”. Quando êsse exame dos livros estiver acabado, “Cristo voltará à terra para executar o juízo em conformidade”.

Os fiéis Adventistas agarraram-se ansiosamente a essa segurança de que William Miller não se enganara sobre a data do segundo advento, e facilmente desdenharam os detalhes não-escriturários e absurdos da explicação de Hiram Edson. Por isto o movimento Adventista sobreviveu, embora não como corporação unificada; pois seguiu o caminho de tôdas as seitas semelhantes de feitura humana, dissolvendo-se em muitos fragmentos partidos.

DIVISÕES ADVENTISTAS

A extensão dos desentendimentos e dissensões entre os Adventistas é evidente pela simples lista das diferentes denominações a que êles deram nascimento. Assim achamos na América: a “União Vida e Advento”; os “Adventistas do Sétimo Dia”; a “Igreja Cristã do Advento”; a “Igreja de Deus (Sétimo Dia)”; as “Igrejas de Deus em Jesus Cristo”; a “Igreja de Deus” (Oregon, Illinois); a “Igreja de Deus, Adventista”; a “Igreja da Bendita Esperança”; os “Irmãos da Fé Abraâmica”; os “Restitucionistas”; os “Adventistas da Idade Vindoura”; e a “Igreja Cristã do Primtivo Advento”.

Cada uma dessas Igrejas ou discordava de algum ensino já aceito, ou procurava introduzir novas doutrinas próprias. Assim, John T. Walsh rompeu com os Milleristas em 1848, para formar a “União Vida e Advento”, por sustentar que não haverá ressurreição dos

maus, e que esta terra, e não o céu, é que será a eterna morada dos justos.

Joseph Bates, James White, e Mrs. White, apoiando-se em visões que Mrs. White pretendia ter recebido, insistiam não só na segunda vinda iminente de Cristo, mas também na observância do Sábado em vez do Domingo; e em 1860 fundaram os Adventistas do Sétimo Dia.

Em 1861, Jonatham Cummins separou-se dos Mille-ristas e fundou a "Igreja Cristã do Advento", por não acreditar na teoria do "santuário celeste", a qual fôra urdida para salvaguardar a predição de William Miller sobre o segundo advento de Cristo a 22 de outubro de 1844.

Em 1865, Elder Gilbert Cranmer abandonou os "Adventistas do Sétimo Dia" para fundar a "Igreja de Deus, Adventista", como protesto contra a pretensão de Mrs. White à inspiração divina.

Contudo, a maioria das seitas divorciadas nunca atingiram proporções significativas. A mais progressista e ativa de tôdas elas hoje em dia é a dos "Adventistas do Sétimo Dia". E com êste ramo dos Adventistas é que êste opúsculo se relaciona principalmente.

ELLEN G. WHITE

Em 1842 uma tal Miss Ellen G. Harmon foi convertida num comício Adventista "revivificador" dirigido pelos Milleristas, e imediatamente começou a ter o que ela pretendia serem sonhos divinamente inspirados. Em 1844, quando as predições de Miller deixaram de realizar-se, ela teve uma visão de Adventistas que iam direito para o Céu; e tôdas as pessoas se alegraram, aceitando-a muitos como uma profetisa.

A própria Miss Harmon admitiu ter sofrido em menina severos males da cabeça, e, desde então, ter sido dada a acessos de languidez e de epilepsia. Era invariavelmente depois de desmaiar que ela pretendia ter recebido durante o transe novas e celestes comunicações.

Com outros Adventistas, ela aceitara avidamente a interpretação de Hiram Edson sobre a “purificação do cantuário”, mas logo lhe aditava outras doutrinas suas. Em 1846 casou-se com Elder James White, ganhando a um tempo prestígio no movimento e um ardoroso advogado dos seus ensinamentos.

Desde muito ela pretendia ter tido uma visão na qual Cristo no céu lhe mostrava as Tábuas da Lei, com o mandamento “Lembra-te de santificar o dia do sábado” circundado por um halo de luz. Ao mesmo tempo um anjo ali presente assegurava-lhe que o Sábado e não o Domingo era o dia que devia ser observado pelos cristãos.

ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

Foi essa última visão que levou a um rompimento com os sectários de William Miller, cujo adventismo nunca, nem por um momento, discutira a observância do domingo; e em 1860, em Battle Creek, Michigan, sob a chefia de Joseph Bates, Elder James White e Mrs. Ellen G. White, foi formada a denominação “Adventistas do Sétimo Dia”.

Por mais de cinquenta anos, até à sua morte em 1915, Mrs. White foi a profetisa aceita da nova Igreja. Embora fôsse ela mulher de pouca educação, as suas visões e escritos tornaram-se fundamentais para os Adventistas do Sétimo Dia. Elas são colocadas no

mesmo nível que a Sagrada Escritura, e citadas como pronunciamentos infalíveis.

Os seus "Testemunhos" são considerados como a única interpretação autêntica da Bíblia. Diz ela: "Foi Deus, e não um mortal falível, quem falou". Ela dedicou 38 páginas do seu "Testemunho nº 33" a defender a sua inspiração divina — uma pretensão à infalibilidade que excede de longe qualquer uma jamais feita pelo Papa!

No seu livro "Adventismo do Sétimo Dia Renunciado", D. M. Canright diz: "Mrs. White tem a pretensão de que as próprias palavras com que as suas visões são relatadas, são divinamente inspiradas. Sei que não o são, pois muitas vezes ela muda o que escreveu, riscando, às vezes, uma página inteira. Lê para o marido a sua MSS., enquanto que ele sugere mudanças que ela faz. Como ela é ignorante de gramática, tomou um escritor competente para corrigir o manuscrito, melhorar-lhe o estilo e poli-lo geralmente. Ela também copia largamente de outros escritos".

Outro ex-Adventista do Sétimo Dia, Warren Latham, de Spokane, Washington, E. U. A., escreve: "A denominação considera os escritos dela como a voz de Deus, e, no seu ensino público eles não admitirão que ela tenha cometido quaisquer enganos nos seus escritos publicados. Colocam os escritos dela em pé de igualdade com a Bíblia, embora enfaticamente neguem esta afirmação. Qual um homem que tenta agarrar um cavalo num campo aberto, com comida numa das mãos e um cabresto por trás das costas na outra, assim são êsses evangelistas Adventistas que pregam com uma Bíblia aberta, mas conservam escondidos os "Testemunhos". Feitos os convertidos e encabrestados, então os "Testemunhos" sempre têm precedên-

cia sôbre as Escrituras porque são usados para interpretar a Bíblia". E Warren Latham acrescenta: "Que diz Irmã White?" é uma palavra na bôca de todos os bons Adventistas".

A credulidade dos Adventistas onde quer que Mrs. White entre em causa é prova contra todo raciocínio e evidência do contrário. O Dr. William Russell, médico do Sanatório Adventista do Sétimo Dia em Battle Creek, Michigan, escreveu em 1869 que as visões dela eram o resultado de um cérebro doente. O Dr. Fairfield disse em 1887 que elas eram devidas a transes histéricos. Mas até o dia de hoje Mrs. White é aceita pelos Adventistas do Sétimo Dia como uma profetisa infalível.

ENSINAMENTOS ADVENTISTAS

Os Adventistas do Sétimo Dia, originados por protestantes num ambiente protestante, e tirando os seus recrutas principalmente dos Batistas, Metodistas e Congregacionalistas começaram pela usual profissão de crença na Bíblia sômente, e na salvação pela fé apenas. Mas, sob a direção de William Miller, e, mais tarde, de Mrs. White, logo êles desenvolveram doutrinas distintivas, as quais na realidade significavam a negação de ambos aquêles dogmas fundamentais protestantes. Os escritos de Mrs. White tornaram-se um substitutivo para a Bíblia, enquanto que ela própria expressamente rejeitava a salvação pela fé apenas. "Os que aceitam o Salvador", escreveu ela, "por mais sincera que seja a sua conversão, nunca deveriam ser ensinados a dizer ou a sentir que estão salvos. Isto é ilusório" ("Christ's Object Lessons", p. 155).

Os Adventistas do Sétimo Dia proclamam crer na Divindade de Cristo, embora as suas outras doutrinas

implicitamente a neguem uma e mais vêzes. Sem nenhuma garantia real extraída da Bíblia, êles insistem em que o batismo deve ser por imersão. Também dizem que o código Levítico para comidas (Lev 11) deve ser observado. Estritamente falando, todos os Adventistas do Sétimo Dia devem ser vegetarianos, e de forma alguma tomar bebidas alcoólicas ou condescender com o uso do fumo. A devoção a "Comidas Sadias" é parte da religião dêles, e uma condição para a sua transladação para o Reino Milenar.

Mais importante do que tudo, deve ser observado o sétimo dia, o Sábado, e não o Domingo. Tôdas as Igrejas, exceto a dos Adventistas do Sétimo Dia, foram iludidas por Satanás, mediante a atuação do Papado, quanto à observância do Domingo. Tôdas elas constituem "Babilônias", e são rejeitadas por Deus. Mas isto é particularmente verdadeiro da Igreja Católica, presidida pelo "Anticristo" ou "Bêsta", na pessoa do Papa.

Desnecessário é dizer que os Adventistas do Sétimo Dia proclamam que só êles entendem corretamente as profecias, às quais dão muita atenção, e de acôrdo com as quais dizem que são chamados por Deus para dar um último aviso ao mundo.

JUIZO AGORA

Doutrina básica dos Adventistas é que está iminente a segunda vinda de Cristo. Embora William Miller houvesse errado nas suas expectativas sôbre o que aconteceria a 22 de outubro de 1844, calculou direito que a profecia de Daniel se referia àquela data.

O que aconteceu, dizem os Adventistas, foi que então Cristo entrou no santuário celeste para começar o "Juízo Investigativo" de tôda a humanidade. Tão

logo como êle se tenha dado conta de tôdas as iniqüidades de cada um dos vivos e mortos — e pode isto ser a qualquer momento agora, pois êle já tem estado empenhado nessa tarefa por mais de cem anos —, êle virá outra vez a êste mundo em tôda a sua majestade e glória, e terá lugar a primeira ressurreição, e começará o Milênio ou um período especial de mil anos.

Aqui deve-se notar que, de acôrdo com os Adventistas do Sétimo Dia, a alma do homem não é naturalmente imortal. Quando um homem morre, tôda consciência cessa. Mas as almas dos homens continuam a existir numa espécie de coma, esperando a ressurreição. Na primeira ressurreição, sòmente os escolhidos de Cristo serão ressuscitados dos mortos para terem conferida a si a imortalidade. Então êstes irão para o Céu com Cristo, ali reinando com êle e passando os mil anos do Milênio lendo os registos e julgando os maus.

Durante êsses mil anos o mundo estará em grande angústia, e Satanás será forçado a carregar os pecados dos salvos como uma espécie de bode-expiatório. Após êsse Milênio, todos os outros homens serão ressuscitados dos mortos, terá lugar o Juízo Final, Satanás e todos os espíritos maus e sêres humanos maus serão aniquilados (não há inferno), a terra será recomposta, e a Cidade Santa descera do Céu. Então o mundo será o lar eterno dos salvos, sob o govêrno de Cristo e de 144.000 Adventistas do Sétimo Dia.

Tal é, em breve escôrço, o sistema Adventista do Sétimo Dia. Tratar de cada um dos seus itens será impossível neste opúsculo. Mas tomemos ao menos alguns dos seus característicos salientes.

Sôbre a questão do santuário não precisamos de-ter-nos. Que haja qualquer santuário no céu que pre-

cisa ser purificado, que Cristo ali esteja empenhado em investigar os registos para descobrir quem é digno de amor e quem é digno de ódio, e que êle tenha iniciado essa tarefa em 1844 — tudo isto é não sòmente ficção sem um traço sequer de apoio Escriturário, mas também um contra-senso tão completo, que não se pode esperar que alguma pessoa inteligente o aceite. E' òbviamente uma invenção para livrar das consequências do seu fracasso a predição de William Miller sòbre a segunda vinda de Cristo em 1844.

IMORTALIDADE DA ALMA HUMANA

Quando nos volvemos para a natureza da alma humana, Mrs. White nos diz que as almas dos mortos são inteiramente inconscientes, existindo aparentemente num estado de coma ou de transe. A doutrina da "consciência na morte" — declara ela — repousa no "êrro fundamental da imortalidade natural, doutrina oposta ao ensino das Escrituras".

Sucede, porém, que ser a alma humana imortal por natureza é o ensino das próprias Escrituras pelas quais ela pretende ser guiada! Quando Cristo disse: "Não temais os que matam o corpo mas não podem matar a alma" (Mt 10, 28), ensinou, ao mesmo tempo, a diferença entre o corpo material e a alma espiritual, e ainda a imunidade desta última ao processo da morte. E que as almas dos mortos são conscientes, isto certamente é frisado na parábola de Cristo sòbre o rico que morreu e ao qual, depois da morte, foi concedida uma visão de Lázaro no céu, tendo êle feito o angustioso apêlo: "Pai Abraão, tende pena de mim!" (Lc 16, 24). E ainda, quando Cristo no Calvário disse ao ladrão penitente: "Hoje mesmo estarás comigo no Paraíso" (Lc 22, 43), a promessa era de felicida-

de consciente. Assim também, quando S. Paulo escreveu aos Filipenses sobre o seu desejo de ser dissolvido e "estar com Cristo, coisa muitíssimo melhor" (Fil 1, 23), as suas palavras seriam sem sentido se a morte significasse a passagem da sua alma para uma completa inconsciência!

A doutrina Adventista de que Satanás e todos os espíritos maus e as almas dos maus serão aniquilados no Juízo final é igualmente oposta ao claro ensino da Sagrada Escritura. Cristo advertiu os homens de tomarem as mais drásticas precauções e de estarem preparados para fazer quaisquer sacrifícios nesta vida de preferência a "irem para o inferno, para o fogo eterno, onde o verme dêles não morre e o fogo não se extingue" (Mc 10, 42-43). E o fim do drama dos maus será: "Êsses irão para o castigo eterno, mas os justos para a vida eterna" (Mt 25, 46). Uma sorte é justamente tão interminável como a outra!

O MILÊNIO

As perspectivas Milenárias dos Adventistas do Sétimo Dia baseiam-se numa interpretação erroneamente literal do capítulo vinte do Apocalipse. Ali S. João fala de um reino de Cristo por "mil anos".

Na Igreja primitiva houve alguns que interpretaram as palavras de S. João como significando que o poder da Roma pagã seria abatido, para ser seguido por um "Milênio", ou governo dos Santos com Cristo sobre a terra por mil anos, tempo durante o qual as atividades de Satanás seriam grandemente restringidas. Depois Satanás teria permissão por breve tempo de organizar os maus para um ataque final aos Santos, intervindo o próprio Deus para acabar com o conflito pelo Juízo Final.

Mas esta interpretação literal é inteiramente oposta ao método que o resto do Livro reclama. A linguagem de S. João geralmente não é literal, mas sim alegórica. O número "1.000" deve ser considerado simbolicamente e não numericamente, como significando um período indefinidamente longo. No Livro XX da sua "Cidade de Deus", escrito no século quarto, Santo Agostinho refutou os primitivos literalistas, e deu a verdadeira explicação do Milênio. Declarou que o advento de Cristo a este mundo na primeira vez trouxe consigo uma graça mais do que suficiente para dismantelar e derrotar a obra de Satanás, e que o Milênio é o intervalo total desde esse tempo até o Juízo Final. Ensinar um Milênio literal é ir contra a voz da Igreja de todos os tempos, e apoiar com uma passagem apocalíptica o que é oposto ao ensino geral da Bíblia como um todo. Porquanto na Sagrada Escritura o segundo advento de Cristo é claramente predito como coincidindo com o Juízo Final, sofrendo a Igreja até o fim dos tempos, e não gozando nenhum intervalo agradável de liberdade das provações por qualquer período de mil anos.

O reinado dos Santos com Cristo representa o curso inteiro da existência da Igreja como o Reino de Deus na terra. Este foi o único reino Milenar que S. João teve em mente. A despeito de quaisquer aparências em contrário, os planos de Deus estão sendo cumpridos, e a vontade de Cristo está sendo realmente executada, de modo que aqueles que identificaram suas vontades com a dele, e o amam e vivem para ele, reinam sobre a terra como ele o faz.

A explicação de Santo Agostinho deu o golpe de morte nas especulações Milenares, e o assunto foi praticamente ignorado até ser revivido pelos Anabatistas na Alemanha durante a Reforma protestante; e

tem continuado como uma ilusão entre muitas das menores seitas protestantes, inclusive os Adventistas do Sétimo Dia.

Porém ilusão muito maior, e ilusão que os próprios Adventistas do Sétimo Dia consideram matéria de suma importância, é a idéia peculiar de que a lei judaica da observância do Sábado ainda se impõe aos cristãos.

OBSERVÂNCIA DO SÁBADO

Vimos anteriormente que os Adventistas originais, como fundados por William Miller, não tiveram idéia de que a observância do Domingo fôsse, de qualquer forma, pecaminosa. Mas alguns dos seus sectários tinham estado associados com os Batistas do Sétimo Dia, que dos Anabatistas na Alemanha haviam herdado o costume de observar o Sábado. Por isso, em 1884, um grupo de Adventistas adotou o ensino do Sétimo Dia batista sobre o assunto, e, como já vimos, foram excluídos da Igreja Adventista recém-formada que resultou da Conferência de Albany, N. Y., em 1845.

O grupo dissidente dos Adventistas, na sua advocacia do Sábado, citava o relato da criação no Gênese, a designação do Sábado por Deus em honra da sua obra criadora, o mandamento "Lembra-te de santificar o dia do Sábado", e a mensagem do terceiro anjo: "Aqui está a paciência dos santos: aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus" (Apoc 14, 12). Declaravam que a expressão "os mandamentos de Deus" incluía o do Sábado Judeu tal qual como qualquer dos outros.

Mrs. Ellen G. White filiou-se a êsse grupo, e cômodamente teve a sua visão na qual pretendia ter-lhe sido revelado que a observância do Sábado Judeu é a coisa crucial que torna alguém Cristão, e que todos

os observantes do Domingo são apóstatas, enganados pelo Anticristo.

Declarou que a observância do Sábado era essencial à salvação. A Lei Mosaica obriga para todo tempo. "Deus é eternamente o mesmo", argumentava ela. Ele não diz no Salmo 89, 34: "Não quebrarei a minha aliança, nem alterarei a coisa que saiu dos meus lábios"? Porém ela não reparou no fato de que, embora Deus seja eternamente o mesmo, nem por isto ele quer necessariamente que as coisas sejam eternamente as mesmas! Ele pode querer eternamente que os que lhe são fiéis herdem bênçãos, mas perde-os se eles faltam à sua fidelidade. E ela desdenhou inteiramente a predição: "Eis, dias virão, diz o Senhor, em que farei uma nova aliança com a casa de Israel, e com a casa de Judá; não como a aliança que fiz com seus pais no dia em que os tomei pela mão para os tirar da terra do Egito, aliança que eles quebraram" (Jer 31, 31-32).

ENSINO DO NOVO TESTAMENTO

Apelando para o Novo Testamento, Mrs. White negou que qualquer registo possa ser ali achado indicando uma ordem distinta de Deus no sentido de dever o Sábado ser substituído pelo Domingo (coisa em que sucedia estar ela certa), e declarou que o Anticristo, operando por meio do Papado, e com a assistência do Imperador Romano, Constantino, em 321, era o responsável pela mudança (coisa em que ela estava tão errada como poderia estar).

Admitamos imediatamente que, se o Novo Testamento insiste algures em que os cristãos são obrigados a observar o Sábado, então a Igreja Católica está, sem dúvida, em êrro; embora isso não torne os

Adventistas do Sétimo Dia certos como Igreja, com tôdas as suas outras omissões e violações dos ensinamentos do Novo Testamento, tanto na doutrina como na prática.

Mas o Novo Testamento em parte alguma declara que os seguidores de Cristo são obrigados a observar o Sábado Judeu, ou Sabbath. De fato, êle ensina a ab-rogação da Dispensação Judaica em favor da Nova Lei estabelecida por Cristo.

Existe considerável confusão nas mentes de uma multidão de pessoas relativamente à mudança do sábado. Muitas vêzes essa confusão é devida à falta de perceber que, quando Deus disse: "*Lembra-te de santificar o dia do Sábado*" (Êx 20), não disse santificar o nosso *sábado*. Sábado, Shabbath em hebraico, significa *repouso*, enquanto que Yomha-Shabbath significa Dia de Repouso, e não Sábado, o nosso Sábado; portanto Shabbath não é um dia específico, seja êste o sétimo ou o primeiro.

O Livro do Êxodo torna muito claro que a observância do Sábado (Sabbath) era uma prescrição especial só para os Judeus, e que estava inseparavelmente ligada com a Antiga Aliança. Porém os Cristãos vivem sob o Novo Testamento ou Nova Aliança, a qual insiste em que os que aceitaram a plena e perfeita revelação e graça de Cristo já não estão obrigados pelas leis e costumes dos Judeus. Assim S. Paulo, falando dos mais altos ideais da religião cristã comparados com a Lei "gravada com letras em pedras", declara que, "se aquilo que se desvaneceu foi glorioso, muito mais em glória está aquilo que fica" (2 Cor 3, 7-11).

Mrs. White concorda em que Nosso Senhor aboliu a antiga "Lei Judaica", mas diz que isto se refere aos elementos "cerimoniais" ou ritualistas da "Lei",

e não à lei moral achada nos Dez Mandamentos. Mas o fato é que, com a instituição da sua própria Igreja pelo Messias, o conjunto da dispensação judaica caiu, inclusive todos os dez mandamentos *vistos como parte daquela dispensação*. Se os cristãos são obrigados a observar os princípios morais básicos ensinados nos Dez Mandamentos, não é por estarem êsses princípios contidos no Decálogo, e sim por serem, por sua própria natureza, parte da lei moral natural — lei natural que é permanentemente obrigatória em qualquer caso. Mas, mesmo concedida a distinção de Mrs. White, a posição desta não é melhorada, porque a observância do Sábado Judeu era patentemente “cerimonial” em caráter.

ATITUDE DE CRISTO

“Mas o próprio Jesus observou o Sábado Judeu”, alegam os Adventistas do Sétimo Dia. Sem dúvida o fez. Propositadamente êle cumpria tôdas as exigências da Antiga Lei preparatória, antes de completá-la e aperfeiçoá-la pela plenitude da sua nova revelação e dispensação. Mas êle mesmo preparou o caminho para a abolição do Sábado Judeu.

Defendeu os seus discípulos quando os Judeus os acusaram de não observarem estritamente o Sábado no sentido tradicional, e acrescentou: “Porque o Filho do Homem é Senhor até mesmo do Sábado” (Mt 12, 1-8). Censurou uma interpretação demasiado severa da lei sabática (Lc 13, 10-16; 14, 1-5; Jo 5, 9-18; 7, 22). Mostrou a sua autoridade para fazer com o Sábado como lhe aprouvesse (Mc 2, 27-28).

Ademais, em parte alguma êle reafirmou a obrigação de observar o Sábado Judeu. Nunca citou essa Lei judaica. Ao enumerar os mandamentos ao môço

rico que perguntou o que devia ser feito para a salvação, êle omitiu tôda referência a ela (Mc 10, 19).

A IGREJA PRIMITIVA

Os Apóstolos certamente entenderam o pensamento de Cristo sôbre o assunto, e o relato do Concílio de Jerusalém nos Atos, 15, mostra que êles não tinham intenção de impor aos Gentios convertidos a obrigação do Sábado Judeu.

E' verdade que, por pura fôrça de costume, os Judeus convertidos continuaram a observar o dia judeu. Eram livres de fazê-lo. Mas *não eram obrigados a fazê-lo*. E, quando alguns dêles começaram a falar de obrigação nesta matéria, e deram sinais de desejarem impô-la aos outros, S. Paulo imediatamente denunciou essas tendências judaizantes. Repetidamente acentuou o fato de não estarem os Cristãos sob a Lei Judaica, mas sob a lei da graça (Rom 6, 14); preveniu os Gálatas de que um retôrno dêles à Lei Judaica tornaria vã a sua obra entre êles (Gál 4, 11); e disse aos Colossenses que não dessem atenção aos que os censuravam por não observarem os Sábados Judeus (Col 2, 16). Todavia, Mrs. White apresenta-se com uma revivescência do Judaísmo do século primeiro, revivescência que S. Paulo tão fortemente condenou! No seu livro "Adventismo do Sétimo Dia Renunciado", D. M. Canright, falando do legalismo judeu dos Adventistas do Sétimo Dia, diz dêles: "O seu tema constante é lei, lei, lei. Êles a pregam dez vêzes mais do que pregam a Cristo".

Mas, se os cristãos não são obrigados a observar o Sábado Judeu, que dia foram obrigados a observar como dia de descanso? A resposta é: — nenhum dia particular. E' verdade que, logo desde o comêço,

êles deram honra especial ao primeiro dia da semana. No primeiro dia da semana Cristo ressuscitara dos mortos, assim completando a obra da redenção; escolhera o primeiro dia da semana para suas aparições aos Apóstolos; e cinqüenta dias após a sua ressurreição enviara o Espírito Santo sobre êles no primeiro dia da semana. Que de admirar, pois, que os primeiros cristãos tivessem êsse dia em particular estima? Por isto lemos nos Atos, 20, 7: "No primeiro dia da semana, quando nos reunimos para comer o pão". Aos Coríntios S. Paulo escreveu que deviam ser feitas coletas entre êles quando se reunissem "no primeiro dia da semana" (1 Cor 16, 2). E S. João, no Apocalipse, referiu-se ao primeiro dia da semana como ao "Dia do Senhor" (Apoc 1, 10).

Mas os primeiros cristãos não consideravam o primeiro dia da semana como um substitutivo para o Sábado Judeu. Não havia questão de transferir as obrigações judias de um dia para o outro. A obrigação do Sábado Judeu passara, tal como a Lei Antiga geralmente cessara de obrigar. Êles não consideravam necessário abster-se de iniciativas seculares no primeiro dia da semana. Metiam-se nos negócios como usualmente. Porém, por motivos de devoção, começavam êsse dia reunindo-se para a celebração da Eucaristia, que Cristo lhes deixara como o seu último legado e mandato na véspera da sua crucifixão e morte.

LEI PARA OS CRISTÃOS

Êsse costume tornou-se a tradição cristã. Já em 107, Santo Inácio, Bispo de Antioquia, podia escrever: "Se nós ainda vivermos de acôrdo com as observâncias judaicas, confessamos que não aceitamos a graça de Cristo. Aquêles que uma vez viveram de acôrdo

com a Lei Antiga vieram a uma nova esperança, não mais observando o Sábado Judeu, e sim o Dia do Senhor, no qual a nossa Vida ressurgiu dos mortos". S. Justino, Mártir, que morreu em 167, escreveu: "No Domingo nós nos reunimos para celebrar a Ceia do Senhor e ler os Evangelhos e as Sagradas Escrituras, o primeiro dia em que Deus transformou as trevas e fez o mundo, e no qual Cristo ressurgiu dos mortos".

Porém nenhum cristão naquele tempo pensava em relacionar com o Decálogo a observância do Dia do Senhor, nem em identificá-la com o Sábado Judeu.

No ano 321, o Imperador romano Constantino decretou que o primeiro dia da semana, o Domingo, devia ser observado como dia cívico de descanso do trabalho e dos negócios ordinários. Isso não impunha aos cristãos quaisquer obrigações de observância religiosa. Mas em 336, a Igreja Católica, no Concílio de Laodicéia, fez a lei eclesiástica obrigando os fiéis a assistirem à Missa e a se absterem de obras servis nos Domingos. E todos os cristãos aceitaram essa lei em virtude da autoridade divina que Cristo deu à sua Igreja quando disse: "Tudo quanto ligardes na terra será ligado também no céu; e tudo quanto desligardes na terra será desligado também no céu" (Mt 18, 18).

POSIÇÃO ADVENTISTA

Que quer dizer tudo isto? Significa que os Adventistas do Sétimo Dia estão errados em dizer que o Sábado Judeu ainda obriga, pois há clara autorização na Bíblia para a sua ab-rogação.

Sem embargo, os Adventistas do Sétimo Dia estão certos em acusar de incoerência outros Protestantes que falam de qualquer obrigação de observância do Domingo, ao passo que rejeitam a autoridade da Igre-

ja Católica. Não é que não haja na Bíblia autorização para a observância do Domingo. O que nela não há é autorização direta para isso como obrigação. A única autorização direta para a obrigação do Domingo é a da Igreja Católica; mas essa envolve a autoridade da Bíblia ao menos indiretamente, na medida em que a própria Bíblia ensina claramente que a Igreja Católica está diretamente autorizada por Cristo a legislar em seu nome.

Contudo, os Adventistas do Sétimo Dia, a aceitarem a autoridade da Igreja Católica, preferem aceitar a de Mrs. Ellen G. White.

Cristo disse: "Edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela" (Mt 16, 18). À sua Igreja êle fêz a promessa: "Estarei convosco todos os dias até a consumação dos séculos" (Mt 28, 20). Todavia, George Burnside, evangelista Adventista, na sua prédica "Who claims to have changed the Sabbath?" (Quem pretende ter mudado o Sábado?), diz: "Os Apóstolos mal haviam esfriado nos seus túmulos, quando a apostasia começou a lavar dentro da Igreja". De acôrdo com Mrs. White, as portas do inferno prevaleceram contra a Igreja, Cristo não cumpriu a sua promessa de proteção, e tôda a cristandade caiu em êrro. Depois de mais de 1800 anos, Mrs. Ellen G. White teve de ser exortada, na América, a retificar a obra de Cristo, e sôbre ela a verdadeira Igreja foi finalmente edificada, a dos Adventistas do Sétimo Dia! Quem pode crê-lo?

ÓDIO A ROMA

Por tudo o que foi dito pode-se fácilmente adivinhar que o preconceito contra a Igreja Católica e um ódio consumidor ao Papa fazem parte da religião dos

Adventistas do Sétimo Dia. Lado a lado com os seus esforços para restaurar a observância do Sábado da antiga Lei Judaica vão ferozes denúncias do Papado por haver, como eles dizem, mudado o Sabbath do sétimo para o primeiro dia da semana.

Todos os vivos epítetos, usados a respeito do Anticristo e do seu reino pagão, que os Adventistas podem achar no Apocalipse são aplicados à Igreja Católica. Ela é a "Mulher Escarlata", a "Prostituta", "Babilônia, a Grande". A ela eles aplicam as palavras de S. João: "Na sua frente estava escrito um nome: Mistério, Babilônia, a Grande, a Mãe das Prostitutas e das abominações da terra" (Apoc 17, 5). E aos membros dela dirigem o apêlo: "Saí dela, meu povo, para que não participeis dos seus pecados e não recebais das suas pragas" (Apoc 18, 4).

Isto não é um exagero da atitude Adventista para com a Igreja Católica. Em 1929 Alonzo L. Baker, editor associado dos "Sinais dos Tempos" na Califórnia, publicou um livro intitulado "The Pope King Again" (O Papa novamente Rei), e sub-intitulado: "Is the Deadly Wound Healing?" (Está sarando a ferida mortal?). Nêle, usa êle estas amáveis expressões: "O sistema papal é a verdadeira antítese do Cristianismo, e o Papa é realmente o Anticristo" (p. 83). "O Papa de Roma opõe-se e exalta-se a si mesmo acima de tudo o que é chamado Deus" (p. 87). "A Missa católica romana é nada mais do que idolatria de uma hóstia, e um meio de obscurecer o verdadeiro lugar de Cristo" (p. 96). "Roma tenta destruir a própria essência do Cristianismo" (p. 98). "A questão vital a resolver", escreve êle, "é uma questão de lealdade a Jesus Cristo, ou ao homem que sôbre o Tibre, declara ocupar o lugar de Deus na terra" (p. 109). E ainda: "No dia do Juízo haverá só duas classes na

terra — os que adoraram a bêsta e os que alcançaram a vitória sôbre a bêsta. Os primeiros irão à eterna destruição com a bêsta; os outros receberão a eterna salvação das mãos de Jesus Cristo” (p. 109).

Parece incrível que nos nossos dias haja gente capaz de assim pensar e falar. E, no entanto, êsses não são pronunciamentos isolados. Mr. George Burnside, evangelista americano Adventista do Sétimo Dia, ensinando na Nova Zelândia em 1949, disse, num apêlo aos protestantes para deixarem de observar o Domingo e se fazerem Adventistas do Sétimo Dia: “Podeis ver que é mais do que uma questão de dias; é matéria de obediência a Cristo ou obediência ao Anticristo. Cristo diz que o Sábado é o seu “Sinal”. Ele é a bandeira de Jesus Cristo. As bandeiras dizem muito hoje em dia. E’ tempo de sairdes de sob a bandeira Babilônica da apostasia, e de vos declarardes por Cristo sob a sua bandeira sangrenta”.

Em parte nenhuma Cristo disse jamais que o Sábado é o seu “Sinal”. E fazer-se Adventista do Sétimo Dia não seria obediência a Ele, mas sim a Mrs. Ellen G. White! Contudo, a compreensão da Escritura e o conhecimento da história e os postulados da razão parecem completamente estranhos aos Adventistas do Sétimo Dia.

“A BÊSTA PAPAL”

Uma das “provas” dêles mais preciosas de que o Papa é a “Bêsta” do Apocalipse é tirada das palavras de S. João: “Eis aqui a sabedoria. Aquêle que tem entendimento conte o número da bêsta, pois é o número de um homem; e o seu número é Seiscentos e Sessenta e Seis” (Apoc 13, 18).

Desdenhando a advertência de que se requerem sabedoria e entendimento, os Adventistas do Sétimo Dia precipitam-se aonde os anjos temem pisar. Dizem: "O Papa tem gravado na sua Tiara o seu título oficial, "Vicarius Filii Dei", em latim, por "Vigário do Filho de Deus". Ora, algumas das letras do alfabeto latino têm equivalentes numéricos. Tomando o título "Vicarius Filii Dei", eis o que achamos:

Cômputo Adventista

$$\begin{array}{rccccccc} V & I & C & a & r & I & V & s & & f & I & L & I & I & & D & e & I \\ 5 & 1 & 100 & & 1 & 5 & & & & 1 & 50 & 1 & 1 & & 500 & 1 & & = 666 \end{array}$$

Cômputo Correto

$$\begin{array}{rccccccc} V & I & C & a & r & I & V & s & & f & I & L & I & I & & D & e & I \\ 94 & & & & 4 & & & & & 49 & 1 & 1 & & & 500 & 1 & & = 650 \end{array}$$

U = V, 5 em algarismos romanos.

O sistema numérico engenhoso pelo qual os Adventistas do Sétimo Dia se esforçam por provar que o Papa é a "bêsta", o 666 do Livro do Apocalipse, é um tiro pela culatra, pois se volta contra a "Vidente", contra a "Profetisa Inspirada", em cujas "visões", "revelações" e "testemunhos" o Adventismo do Sétimo Dia se baseia. A Mãe dessa seita sabática é Ellen Gould White, e o valor numérico do nome dela é exatamente 666, de acôrdo com o modo de calcular dos Adventistas do Sétimo Dia:

$$\begin{array}{rccccccc} & & \text{Ellen} & & & \text{Gould} & & & \text{White} \\ e & L & L & e & n & g & o & V & L, D & w & h & I & t & e \\ 50 & 50 & & & & 5 & 50 & 500 & & 10 & 1 & & & = 666 \end{array}$$

U = V, 5; W = dois VV = 10 em algarismos romanos.

S. João escreveu em grego, e certamente não teve em mente os equivalentes numéricos do alfabeto latino. Não há qualquer justificação para a transição para os caracteres latinos. Também não há inscrição nenhuma na Tiara Papal. Além disto, o título "Vicarius Filii Dei" não é, nunca foi e nunca será título, oficial ou outro, do Papa. Esse título foi inventado por algum gênio protestante, pois foi elaborado do modo requerido pelo argumento em que pensava poder basear-se. Mas de que serve um argumento que parte de uma adivinhação fantástica que sucede ser inteiramente errada? Nenhum erudito reputável no mundo pensaria incorporar semelhante baboseira num comentário da Sagrada Escritura.

Muitos de tais eruditos interpretam o número da bêsta, 666, como uma referência crítica ao Imperador pagão Nero. Certamente êle não pode referir-se ao Papa. Porquanto, seja qual fôr a verdadeira interpretação dêsse número místico, êle é o número de "um homem", e sem dúvida indica alguma pessoa individual. Se êle se referisse a um Papa particular, não poderia referir-se a nenhum dos outros. A qual dos Papas o povo o referirá? A um Papa passado? Então já morreu e já se foi; e não precisamos incomodarnos com êle.

Todavia, o número absolutamente não se refere a qualquer dos Papas. No seu Comentário sobre o Apocalipse na Bíblia em Série de Cambridge, um erudito anglicano, o Rev. W. H. Simcox, M. A., diz: "De fato, é muito injusto e desarrazoado, é pouco menos que blasfêmia, tratar o Papado como o campeão e representante do Anticristo. De fato, a identificação do Papado com o Anticristo admite refutação direta. S. João diz: "E' Anticristo aquêle que nega o Pai e o Filho". Define o espírito do Anticristo como o "espíri-

to que não confessa que Jesus Cristo veio em carne". Ora, sejam quais forem os erros do Papado e da Igreja Romana, é certo que nenhum F'apa negou jamais a verdade das doutrinas da Trindade e da Encarnação" (p. 57).

Essas palavras de uma sumidade de Cambridge que obviamente não tinha inclinação para com Roma, mas, que, no entanto, rejeita absolutamente acusações forjadas pela ignorância e pelo preconceito, deveriam bastar a qualquer pessoa refletida.

PARA TRÁS DOS TEMPOS

Os Adventistas do Sétimo Dia falam muito dos "Sinais dos Tempos"; porém, mais quase do que qualquer outra denominação, estão para trás dos tempos.

Por certo, é admirável o que as pessoas podem achar na Bíblia, se de antemão decidem o que nela querem achar. Para isso não se precisa nem de preparo nem de erudição. Precisa-se somente de credulidade ilimitada. Mas que esta é muita, é certo. Todos os que têm preparo e erudição declaram unânimemente que o que os Adventistas do Sétimo Dia pretendem achar na Bíblia ali não está realmente, ao passo que uma imensa soma de ensino que ali está eles ignoram e contradizem.

Os seus esforços para reimpôr as observâncias judaicas são mero reflexo das tendências judaizantes entre alguns dos primitivos Judeus convertidos à Igreja, os quais granjearam a censura de S. Paulo: "O' insensatos Gálatas, quem vos fascinou, para que não obedecêsseis à verdade?" (Gál 3, 1). Certamente S. Paulo classificaria os sectários de Mrs. Ellen G. White entre os "fascinados". A atitude dêles para com o

Papado, com todo o seu contra-senso da "Bêsta", é evidência bastante disso.

Ao escrever este opúsculo, não foi prazer estender-me sobre a posição àsperamente anticatólica que os Adventistas do Sétimo Dia foram levados a adotar pela sua religião. A caridade gera caridade, ao passo que o ódio gera ódio. Ler sobre o preconceito e animosidade deles só pode é tornar mais difícil para os Católicos serem pacientes com eles, embora todos os Católicos se capacitem de que ainda é seu dever não manifestar senão caridade com todos, mesmo de entre os inimigos professos da sua religião. Contudo, apoio positivo às emprêsas de negócios estabelecidas pelos Adventistas do Sétimo Dia, cujos proventos são dedicados à ulterior propagação de ataques contra a Igreja Católica, isto é outra coisa. Isto os Adventistas do Sétimo Dia não podem razoavelmente esperar dos Católicos, embora o procurem.

Mas por que é que eles se sentem impelidos a continuar a sua campanha contra a Igreja Católica e o seu aviltamento da religião católica? Se eles próprio desejam observar o Sábado em vez de o Domingo, embora estejam errados, não dão aos outros motivo de queixa. Se pregam o amor de Deus, ideais de virtude cristã, e boa vontade e caridade para com o próximo, ninguém dirá nada. Mas, certamente, não é de mais pedir que eles cessem de aviltar a religião dos outros difundindo o veneno do preconceito e fomentando fanatismo e rancor anticatólicos.

Em matéria de fato, nenhuma pessoa sã e equilibrada fala hoje em dia da Igreja Católica como o fazem os Adventistas do Sétimo Dia. O preconceito e o fanatismo estão morrendo. Uma visão mais sábia está começando a prevalecer. Assim, escrevendo no "Times" de Londres de 10 de novembro de 1949, o

Bispo Anglicano Cecil J. Wood, de Malvern, Worcestershire, disse:

“O primado da Igreja Romana é prontamente reconhecido como matéria de história. Primeiramente nos séculos primitivos, e depois nestes últimos tempos, a Igreja Romana manteve a “fé outrora entregue aos santos” incomprometida por mudanças de pensamento... Ela também tem mantido normas de moralidade em face de tentativas para abaixá-las. Muitos cristãos são sinceramente agradecidos a isso, quer sejam membros da Comunhão Católica Romana, quer não. O efeito desastroso do rebaixamento das normas morais e da multiplicidade dos juízos privados tornou-se claro. Há um vasto desejo, e uma nova sinceridade nesse desejo, de que seja aberto o caminho para a renovação da comunhão entre Roma e a Inglaterra”.

Estas palavras indicam uma nova e melhor tendência. Mas, se, como declara o Bispo de Wood, a Igreja Católica tem mantido através de todos os séculos a “fé outrora entregue aos santos”, a ilação é, certamente, que o caminho para a plena verdade cristã é uma volta real à Igreja Católica, que os Reformadores protestantes nunca deveriam ter deixado inicialmente. Entretanto, esta sugestão — que os leitores não-católicos não deveriam recusar demasiado facilmente —, leva a além do escopo dêste opúsculo. O objetivo dêste foi mostrar que a plena verdade cristã não deve ser achada no Adventismo do Sétimo Dia, e que não se pode ser, ao mesmo tempo, sectário de Mrs. Ellen G. White e genuíno seguidor de Cristo.

DIALOGO ENTRE UM ADVENTISTA E UM CATÓLICO

1. Observando o Domingo em vez do Sábado a Igreja Católica Romana está em discrepância com a Escritura.

Se a Sagrada Escritura insistisse em que os seguidores de Cristo deviam observar o Sábado e não o Domingo, então a Igreja Católica estaria realmente em discrepância com a Escritura. Mas em parte alguma a Bíblia sequer insinua que os seguidores de Cristo devem observar o Sábado.

2. Se alguém quiser a religião de Cristo, deve fazer-se Adventista do Sétimo Dia.

Se alguém realmente deseja a religião de Cristo, certamente não deve fazer-se Adventista do Sétimo Dia. Se você crê em Cristo, deve crer que Ele cumpre as suas promessas. Ora, Ele disse: "Edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela". A sua verdadeira Igreja deve ter sido fundada por Ele pessoalmente, e nunca poderá ter errado. Mas quem foi que iniciou os Adventistas do Sétimo Dia? E quando? Certamente não foi Cristo quem fundou essa seita. Ela começou no século XIX — 19 séculos tarde demais para ser obra de Cristo. Os Adventistas do Sétimo Dia são simplesmente um rebento dos Milleristas, os sectários de William Miller que começaram a dar as suas idéias religiosas ao mundo em 1831.

3. Qual é o significado da palavra "Adventista"?

William Miller, nascido em 1782, era um fazendeiro americano não instruído, que se deu à leitura da Bíblia, e ficou inteiramente empolgado pela idéia da Segunda Vinda ou Advento de Cristo. Em 1831 acre-

ditou ter descoberto que o Segundo Advento de Cristo devia ter lugar em outubro em 1843. Começou a pregar isto, granjeou alguns discípulos, e estes receberam o nome de "Adventistas". Quando a predição de Miller falhou em 1843, êle declarou que Cristo viria na primavera de 1844. Quando o fim do mundo não veio então, Miller desculpou-se perante seus sectários do engano havido nos seus cálculos, e disse-lhes que o fim viria no outono de 1844 — para ser exato, a 22 de outubro daquele ano. Quando essa data ainda falhou, Miller lavou as mãos do movimento todo, admitiu que tinha errado, e declarou que não tinha confiança no movimento. Mas surgiu uma profetisa chamada Ellen G. White, que consolidou êste, aditando-lhe a doutrina do Sétimo Dia.

4. Há outros Adventistas além dos observantes do Sétimo Dia?

Há. Foi Ellen G. White quem descobriu que todos os cristãos haviam caído em êrro pela sua observância do Domingo. Declarou que fôra arrebatada ao céu e que lhe fôra mostrada a verdade — de que o Sábado era o dia a ser observado. Em 1845 ela e seus seguidores organizaram-se numa corporação chamada os "Adventistas do Sétimo Dia" — sendo "Sétimo Dia" pelo fato de insistirem êles na observância do Sábado em vez do Domingo; e "Adventistas" para mostrar a conservação da idéia de que estava bem próxima a Segunda Vinda de Cristo. Outras formas e rebentos do movimento Millerista são: "A União Vida e Advento", de 1848; "A Igreja Cristã do Advento", de 1861; "Igreja de Deus, Adventista", de 1865; e as "Igrejas de Deus em Cristo Jesus", de 1888. Desnecessário é dizer que tôdas essas seitas infringem o Protestan-

tismo, tal como tôdas as outras formas da religião protestante.

5. Como é que os Católicos observam o Dia do Senhor?

Devem santificar o Domingo pela assistência à Missa, pela oração, e pela abstenção das obras servis desnecessárias.

6. Penso que as idéias católicas são muito peculiares nesta matéria.

Isso ocorre simplesmente por suceder que as idéias católicas não quadram com a sua educação religiosa. As coisas com que a gente não concorda parecem usualmente peculiares a nós. Mas tôda a questão é esta: Suas idéias são certas? ou: As nossas idéias são certas? Você não tem prova nenhuma de que as suas noções sejam certas, ou de que as idéias católicas sejam erradas.

7. Deus não nos mandou observar o Sábado, e não o Domingo?

Não. O mandamento conforme dado por Moisés em nome de Deus aos Judeus era que o Sábado dos Judeus (Sabbath) e não o nosso Sábado, devia ser santificado. A palavra sabbath significa descanso. A lei inclui dois elementos: um essencial, o de que um dia em sete deveria ser dedicado a Deus; e o outro cerimonial, o de que o dia particular deveria ser escolhido. Os Judeus escolheram o Sábado.

8. Deus é eternamente o mesmo. Havendo uma vez pedido o sétimo dia da semana, certamente não poderia mudá-lo para o primeiro.

Com base nesse argumento Ele não poderia ter mudado da Lei Antiga para a Nova Lei, nem dos Judeus

para os Cristãos. Você deveria renunciar às suas crenças cristãs e aderir à religião judaica! Todavia, Cristo disse: "Ouvistes isso dito na Lei; mas agora eu vos digo". E deliberadamente revogou certa legislação judaica concernente ao casamento. Certamente êle admitiu a possibilidade de algumas mudanças.

9. O pacto de Deus com os judeus versava sôbre um dia em sete, e êle disse: "O meu pacto não quebrarei". Deus será um mentiroso, ou a Igreja de vocês é que está errada?

Deus não é mentiroso, nem a Igreja Católica está errada. O próprio Deus predisse, em Isaías, 2, 2-3, que estabelecería uma Igreja visível à qual tôdas as nações viriam, e que fora dessa Igreja a lei prosseguiria ensinando-nos os caminhos dêle. No devido tempo Êle enviou seu Filho, que estabeleceu a Igreja Católica, e esta nos diz qual é a presente lei de Deus. Deus não mudou. Se você decide fazer diferentes coisas sucessivas, a sua decisão não muda pelo simples fato de os empreendimentos mudarem sucessivamente. Os Judeus decidiram observar o Sábado, ao passo que os Cristãos decidiram observar o Domingo. O sétimo dia como dia de Deus não foi mudado. O Sabbath, dia de descanso de Deus, foi transferido do Sábado para o Domingo.

10. Nós, Adventistas, observamos o Sábado como Deus mandou. Onde é que estamos errados?

Em crerem que o dia judeu especificado ainda é de obrigação. Você parece não entender que a Lei Antiga era apenas figurativa da Nova Lei mais perfeita, e que na Nova Lei, Cristo estabeleceu a Igreja Católica, a qual claramente ensina a mudança do dia cerimonial. Se você quer conservar o dia cerimonial dos Judeus, pode igualmente conservar o modo de viver dêles e abolir o Batismo em favor da Circuncisão.

11. Vocês, Católicos, foi do Mitraísmo que tiraram o Domingo.

Não tiramos. O Domingo pode ter sido o dia celebrado em honra de Mitra. Mas esta não foi a razão para a sua escolha pelos cristãos. Há tanta ligação entre a escolha cristã do Domingo e o Mitraísmo como há entre observarem os Judeus o Sábado e derivar a palavra Sábado em inglês (Saturday) da palavra Saturno. Se por alguma razão sua a Igreja houvesse escolhido a Quarta-feira, você modificaria a sua acusação e clamaria em triunfo: "Ah! o dia consagrado a Wodin" (em inglês Wednesday).

12. Quais são as razões para a escolha do Domingo de preferência ao Sábado?

Depois da ressurreição de Cristo e do estabelecimento da Igreja da Nova Lei, os cristãos conservaram a substância da Lei Antiga nesta matéria, mantendo um dia em sete. Mas, como eu disse, os Apóstolos mudaram a especificação do dia para o Domingo. E fizeram-no por várias razões. Primeiro, a fim de honrar a ressurreição de Cristo de entre os mortos na manhã do Domingo. S. Paulo mostra que esta é a pedra fundamental da nossa fé, quando diz: "Se Cristo não ressuscitou, vã é a nossa fé". Em segundo lugar, o advento do Espírito Santo deu vida à Igreja no Domingo de Pentecostes. Em terceiro lugar, a mudança foi calculada para gravar nas nossas mentes a transição da Lei Antiga para a Nova Lei. Finalmente, o Sábado tinha especial significação como sendo dedicado ao remate da obra criadora de Deus. Mas a obra redentora de Deus é maior do que a sua obra criadora, e como uma prova de honra o primeiro dia da semana foi dedicado à superior obra redentora de Deus.

13. Acaso a Escritura justifica de algum modo tal mudança como um fato?

Sim. Sem dúvida, aceitando a Lei Antiga antes de completá-la e aperfeiçoá-la pela sua nova revelação, Cristo observava o Sábado. Mas Êle próprio preparou o caminho para a mudança do dia. Defendeu os seus discípulos quando os Judeus os acusaram de não observarem o Sábado estritamente no sentido tradicional (Mt 12, 1-8). Censura uma interpretação demasiado severa da lei sabática (Lc 13, 10-16; 14, 1-5; Jo 5, 9-18; 7, 22). Mostra a sua autoridade para fazer com o Sábado como lhe apraz (Mc 2, 27-28). Em parte alguma reafirma a obrigação de observar o Sábado Judeu. Nunca menciona essa Lei judaica. Em assinalado contraste com isso, o Novo Testamento presta honra especial ao Domingo. Cristo ressuscitou no Domingo, e apareceu aos seus Apóstolos no Domingo. Escolheu o Domingo seguinte para lhes aparecer quando S. Tomé estava presente. Cinquenta dias depois escolheu o Domingo para a descida do Espírito Santo sobre a sua Igreja. Os próprios primeiros Cristãos observaram o Domingo logo desde o começo. "No primeiro dia da semana, quando estávamos reunidos para partir o pão" (At 20, 7). S. Paulo repreendeu os Gálatas por causa da sua tendência para reverterem aos costumes judeus, sobretudo na sua observância dos dias judeus, como se a isso ainda estivessem obrigados (Gál 4, 9-10). Aos Coríntios êle escreveu: "Assim como dei ordem às igrejas da Galácia, assim também faço convosco. No primeiro dia da semana ponha cada um de vós à parte... o que lhe aprouver" para a coleta em favor da Igreja (1 Cor 16, 1-2). No Apoc 1, 10, S. João nos diz que foi arrebatado em espírito "no domingo", isto é, no dia

em que Cristo ressuscitou dos mortos, e que já lhe era dedicado como sagrado de modo especial.

14. Gelermann, escritor católico, diz que a Igreja mudou o dia no século IV, no Concílio de Laodicéia.

Você o compreendeu mal. Então a Igreja apenas impôs um preceito especial, ordenando aos fiéis conservarem a prática Apostólica de observarem o Domingo. Mas a mudança não foi feita no século IV pela primeira vez. Assim, Santo Agostinho escreveu no século IV: "Os Apóstolos e os seus contemporâneos aprovaram a dedicação do Domingo ao culto de Deus". Dois séculos antes de Agostinho, Tertuliano escrevera: "Nós, conforme a tradição nos ensinou, observamos o dia da ressurreição do Senhor". S. Justino, Mártir, que morreu em 167, escreveu: "No Domingo nós nos reunimos para celebrar a Ceia do Senhor e ler os Evangelhos e a Sagrada Escritura, no primeiro dia em que Deus mudou as trevas e fez o mundo, e no qual Cristo ressuscitou dos mortos". Ainda mais cedo, Santo Inácio, que morreu em 107, disse: "Se nós ainda vivermos de acôrdo com as observâncias judias, confessamos que não aceitamos a graça de Cristo. Os que outrora viveram de acôrdo com a Lei Antiga vieram a uma nova esperança, não mais observando o Sábado judeu, e sim o domingo, no qual a nossa Vida ressurgiu dos mortos". Assim a tradição remonta às indicações dadas na Escritura e acima registadas. Contudo, está certo dizer que a Igreja Católica mudou o dia, visto que os Apóstolos eram representantes dessa Igreja; porquanto, com a autoridade de Cristo, eles sancionaram a mudança.

- 15. Essa mudança da Lei prova que a Igreja Católica é fundada e governada por Satanás.**

A fundação da Igreja Católica é matéria de história, e a história mostra que foi o próprio Cristo quem a fundou. Você acharia que é totalmente impossível dizer quando, onde e como Satanás fundou a Igreja Católica. E, quanto a Satanás governar a Igreja Católica, pensa você que Satanás seria tão insistente na preservação da doutrina de Cristo? A Igreja Católica diz que tudo o que é impuro, sujo ou mau é absolutamente proibido. Será que isto é satânico? Ela adverte contra todo pecado, e concita seus filhos a serem santos. Isto não soa lá muito diabólico. Você não entende nem a Escritura nem a Igreja Católica, à qual é tão oposto.

- 16. Uma pessoa não poderia santificar o Domingo sem ir à Missa?**

Um católico não o poderia quando não houvesse nada que lhe impedisse a assistência à Missa. E' pecado mortal faltar à Missa, e se o católico se põe em estado de pecado mortal, vicia tudo o mais que ele procurasse fazer. Isto é, a menos que ele faça um ato de contrição perfeita, depois do qual poderia fazer algumas boas ações; mas não teria cumprido a lei essencial de Deus.

- 17. Não poderia ele rezar, e ler a sua Bíblia o dia todo?**

Duvido. Mas, se um católico assim fizesse, estaria fazendo o que Deus não manda, e descurando as coisas que ele manda.

- 18. Por que é que é pecado mortal faltar à Missa nos Domingos?**

Cristo disse: "Se queres entrar na vida, observa os mandamentos". Ora, um desses mandamentos é: "Lem-

bra-te de santificar o dia do Sábado". Assim Deus pede a santificação de modo especial de um dia em sete. O seu próprio uso da palavra "Lembra-te" implica uma grave obrigação de não esquecer ou omitir esse dever. E' pecado mortal desobedecer a Deus nesta matéria. Mas como devemos, nós cristãos, observar esse mandamento? Quem é que no-lo deve dizer? Nosso Senhor diz: "Se alguém não ouve a Igreja, seja como o pagão" (Mt 18, 7). Devemos, pois, ouvir a Igreja. Ora, a Igreja Católica nos diz que o fator central na religião de Cristo é a Missa, e que a coisa principal na santificação do Domingo é estar presente ao oferecimento dêsse sacrifício a Deus. Isto obriga sob pena de pecado mortal, a menos que doença ou outras dificuldades graves impeçam essa assistência à Missa. Lembre-se de que os homens não são somente seres individuais. São também unidades sociais numa nação coletiva. E, assim como são obrigados a adorar a Deus na sua capacidade individual, assim também o são coletivamente. Deus sempre exigiu culto público, e desde os mais remotos tempos apostólicos os cristãos sempre se reuniram regularmente para exercícios religiosos em comum.

19. Por que haveriam os Católicos de ser assim sobrecarregados?

A religião é uma dívida para com Deus. Nós católicos pagamos essa dívida sem olharmos ao nosso próprio conforto e prazer. Não se pagam dívidas terrenas quando isso nos dá prazer, nem se recusa pagá-las quando isto nos desagrada. E' uma questão de honestidade e de justiça.

- 20. Por que não se ensina aos Católicos viverem vida boa, em vez de irem à Missa e darem dinheiro?**

Você supõe erroneamente que a Igreja insiste na assistência à Missa e na contribuição de dinheiro, e que é indiferente à verdade e ao reto viver. Você deveria perguntar aos católicos que assistem à Missa o que é que lhes ensinam, em vez de dar palpites de preconceito.

- 21. Muitos vão à Missa e são tão ruins como os que não freqüentam Igreja.**

Você quereria vê-los continuar nos seus pecados e deixar de ir à Missa? E' isto o que faz a média dos que não freqüentam igreja. Isso não seria lá tão mau se eles assim fizessem e ficassem calados a respeito dos outros. Mas é intolerável que eles falem mal dos que procuram oferecer algum culto a Deus.

- 22. Seja lá como fôr, aquêle que vai à Missa não é melhor aos olhos de Deus, do que o que não vai.**

Pode não sê-lo em outras coisas, embora isto seja improvável. Mas certamente é melhor aos olhos de Deus por assistir à Missa. Se o que vai à igreja tem faltas, não as justifico; mas essas faltas serão menos graves do que o pecado do homem que despreza a maior das suas dívidas — a dívida para com Deus Todo-Poderoso.

- 23. Os Católicos vão à Missa e depois são livres de fazer o que quiserem no Domingo.**

Indo à Missa, os Católicos lembraram-se de santificar o dia do Sabbath, o que é requerido. Quanto ao mais, os católicos não têm permissão de fazer depois o que bem entenderem. São-lhes proibidas tôdas as

obras servis desnecessárias, e, naturalmente, como sempre, é-lhes proibido todo mau procedimento. Mas não lhes é proibida a folga legal das ocupações ordinárias.

24. Santificar um dia quer dizer guardá-lo piedosa, religiosa e sagradamente.

Os católicos santificam o dia. O dia é consagrado a Deus por deveres de religião definidos. Uma recreação inocente não o profana. Fazer as próprias refeições no Domingo não é, em si mesmo, um ato piedoso, e no entanto não o profana. Guardar um dia piedosamente não significa que cada ato de per si deva ser um ato de piedade. Todo ato que não é pecaminoso pode ser oferecido para maior honra e glória de Deus, tal como David ofereceu a sua dança diante da Arca da Aliança. Quando os fariseus se queixaram a Cristo de que os discípulos faziam o que as tradições deles tinham como ilegal, Cristo respondeu que o Sábado (Sabbath) foi feito para o homem, e não o homem para o Sábado.

25. Acaso jogar tênis é santificar um dia, e dia de descanso?

Jogar tênis não é pecado. Não é nem santo nem mau em si mesmo. É um refrigério mental e corporal das próprias forças. Mas até onde irá você? Se eu não posso jogar tênis, posso exercitar meus membros andando? Se não posso usar minhas pernas, posso usar meus pulmões para respirar? Onde você vai parar no uso das próprias faculdades? Deus não pretendeu que a religião fôsse um manto de tristeza.

26. Os nossos ministros protestantes proibem o esporte no Domingo.

Se o fazem, fazem-no por sua própria autoridade, e não por autorização da Sagrada Escritura.

- 27. De qualquer modo, os que participam de jogos e de esporte no Domingo abandonam a sua Igreja após um tempo.**

Isso pode ser verdadeiro de muitos protestantes que sabem que os seus ministros proibem tais coisas desarrazoadamente, e por isto eles deixam completamente de ir à igreja. Isso não afeta os católicos. Nós temos facilmente o maior número de pessoas que vão à igreja, mesmo nos recusando a adotar as prescrições humanas dos ministros protestantes.

- 28. Depois da Missa, os padres sempre organizam piqueniques e excursões.**

A Igreja Católica é a única Igreja que pode obrigar o seu povo a adorar a Deus definidamente no Domingo, e muitas das suas igrejas ficam cheias uma porção de vezes nesse dia. Não há nada de mal numa recreação inocente desde que não interfira com os deveres de cada um para com Deus e com a assistência ao culto religioso. O Domingo é um dia em que devemos evitar trabalho corporal pesado, adorar a Deus e fruir repouso legal. Mas Deus nunca pretendeu que nós ficássemos carrancudos e melancólicos do sábado ao domingo, como se isso pudesse oferecer-lhe a maior honra e glória possível. De certo a Igreja Católica pode ser culpável de acordo com as normas de muitos protestantes, porém ela nunca admitiu essas normas. O católico vai a uma Missa cedo, volta para casa, faz o seu almoço e depois goza a luz de Deus numa recreação inocente. O seu maior crítico é o homem que almoça na cama, e lê os jornais do domingo até 11 horas, recusando religiosamente tocar piano. Se sente que lhe apraz, tal homem vai a algum serviço numa igreja ou capela popular à tarde, acreditando ser um dos poucos escolhidos que foram

à igreja naquele dia, e esquecendo as legiões de católicos que o fizeram enquanto ele ainda estava na cama.

29. Quero que você concilie essa conduta com os mandamentos de Cristo.

A recreação inocente no domingo não se opõe aos mandamentos de Cristo. Você decide com base na sua própria noção daquilo que o Cristianismo significa, e calmamente exige que eu concilie a prática católica com as suas noções, como se suas idéias fossem infalivelmente corretas. E' como faz o Protestantismo. Os Protestantes não querem aceitar a autoridade do Papa, julgando arrogantes as pretensões dele. Então cada um vai até a erigir-se como seu próprio Papa. Por que haveria eu de aceitar, como possuindo qualquer valor, as suas provas daquilo que o Cristianismo deveria ser? Outro protestante, com idéias diferentes, quererá que eu concilie as práticas católicas com as suas noções. Se o ensino católico devesse quadrar com cada idéia peculiar de cada indagador protestante, então deveria ser tão mutável como o camaleão.

30. Se o esporte no Domingo não fôsse um mal, Cristo tê-lo-ia dito.

Ponhamos isto às avessas. Se ele fôsse pecaminoso, é possível que Cristo o tivesse dito. Certamente não podemos esperar que ele descreva tudo o que não é pecaminoso. Dormir não é pecaminoso, e no entanto em parte alguma Cristo nos assegurou solenemente que não é pecado ir dormir. Cristo omitiu qualquer referência explícita ao esporte no Domingo justamente como omitiu referir-se ao uso de sapatos, ao dormir à noite, ou à respiração do ar que Deus nos dá.

31. Que é que você entende por obra servil?

O trabalho que em tempos antigos costumava ser dado aos servos e escravos, e que é principalmente executado pelo esforço corporal e para necessidades corporais. Trabalhos liberais e mais intelectuais não são proibidos.

32. O trabalho por uma hora seria servil, mas não por dez minutos?

O termo servil refere-se não ao tempo gasto na obra, mas à natureza da obra. Se a obra é em si mesma de natureza servil, não pode ser feita nem por dez minutos sem genuína necessidade. Se não é servil por sua própria natureza, não se tornaria servil se feita por dez horas.

33. Deus diz: "Não farás obra alguma", e no entanto vocês permitem o trabalho doméstico aos Domingos.

Deus proibiu o trabalho ordinário dos Judeus pelo qual eles ganhavam a vida, e o trabalho que eles distribuíam aos seus escravos e servos. O próprio Cristo repreendeu os fariseus pela sua interpretação literal dêsse mandamento. O intuito principal de Deus era que todos estivessem livres para o cumprimento dos deveres religiosos. Devemos notar o que Deus pretendeu, e cumprir as intenções do legislador, além de fazer concessões para a vasta diferença entre o espírito da Lei Antiga e o da Nova. A Igreja Católica proíbe toda obra servil desnecessária nos Domingos. Se tal obra pode ser feita durante a semana, não é necessária nos domingos. O próprio Nosso Senhor disse que uma pessoa estaria justificada de trabalhar para retirar um boi de um poço no Sábado. O homem nem sempre pode achar tempo nos dias de semana

para fazer as coisas necessárias, e, certamente, algum trabalho doméstico é razoavelmente necessário aos domingos.

- 34. Diga você o que disser, nunca poderá provar que os Adventistas do Sétimo Dia estão errados por ficarem fiéis à Bíblia.**

Se vocês fossem fiéis à Bíblia, ninguém poderia provar que estão errados. Mas vocês são muito não-bíblicos. O seu próprio sistema deixa-os sem qualquer prova real de que a Bíblia é a Palavra de Deus inspirada. Ele não pode dizer qual é o sentido real de tudo o que está contido na Bíblia. Concentra-se em alguns textos mal interpretados, e ignora a tendência total da Escritura, embora a Escritura toda seja de igual valor como Palavra de Deus. Só a Igreja Católica pode garantir a Escritura como Palavra de Deus, e só ela pode garantir o seu correto sentido.

- 35. Vocês pretendem legislar em coisas puramente espirituais, e, no entanto, ordenam o jejum e a abstinência em certos dias. Não há nada espiritual em proibir o povo de comer carne.**

Eu nunca disse que a Igreja legisla só em matéria espiritual. Os homens não são seres puramente espirituais, e na nossa natureza composta a legislação espiritual pode de algum modo afetar o nosso ser material. As leis da Igreja cobrem as coisas materiais na medida em que estas afetam o nosso bem-estar espiritual. Não há nada espiritual na carne em si mesma. Mas uma virtude espiritual é exercida quando nos abstermos de carne por um motivo de renúncia, gratidão e obediência a Deus.

36. Há alguma autorização na Escritura para o jejum?

Há. Quando os fariseus se queixaram a Cristo de que os discípulos dêle não jejuavam, Cristo respondeu que eles não o faziam enquanto êle estava com eles, mas que o fariam quando êle os deixasse (Mt 2, 18). Ora, a Igreja Católica, incumbida por Cristo de ensinar a tôdas as nações tudo quanto Cristo lhe dissesse, diz-nos que em certos tempos devemos jejuar em expiação dos nossos pecados. S. Paulo escreveu aos Coríntios: "Exibamo-nos como servos de Deus, em paciência, em jejuns". Um espírito cristão de reparação diz assim: "Eu condescendi com os meus sentidos às expensas da lei de Deus; por isso mortificá-los-ei agora às expensas do meu próprio conforto". Contudo, o jejum faz parte da lei cristã, e os que dizem que a Igreja Católica obriga ao jejum enquanto outras Igrejas não o fazem, queixam-se, como de costume, de que a Igreja Católica está cumprindo a lei cristã, ao passo que outras não estão. E a Igreja Católica designa dias especiais para o jejum porque, se isso fôsse deixado aos indivíduos, eles jejuariam muito irregularmente, ou não jejuariam. E' muito melhor tornar isso definido.

37. Por que proibir carne às Sextas-feiras? Cristo disse que nada vindo de fora suja o homem, mas que a disposição da alma é que vale (Mt 7, 15).

Daí se segue que a carne não é má em si mesma, e que a Igreja não proíbe a carne às Sextas-feiras por pensar que a carne sujará o homem. Isto resulta evidente do fato de a Igreja permitir carne nos outros dias, coisa que ela não faria se acreditasse que a carne é má. Por isto, aqui deve ser questão do dia, e não da carne. Por que então a Igreja proíbe carne às Sextas-feiras? Porque nesse dia Cristo deu a sua vida por nós

em angústia e sofrimento. Se um católico come carne nesse dia, a carne não o suja, mas a sua disposição interior de ingratidão e desobediência certamente o faz. Se um homem não está preparado para renunciar a um pouco de carne no dia em que Cristo deu a sua vida, não é digno de ser classificado como um cristão. A abstinência da Sexta-feira tem conservado por séculos o sacrifício e morte de Nosso Senhor ante as mentes dos milhões de católicos. Para a vasta maioria das Igrejas protestantes que aboliram esta bela prática meramente porque a Igreja Católica tinha a graça de cumpri-la, a Sexta-feira é tal qual como a Terça, ou a Quarta, ou a Quinta-feira, e os seus membros não pensam, semana por semana, no maior acontecimento que já ocorreu na história por amor de nós. Eu ainda não recebi na Igreja um convertido que não tenha visto a beleza dessa devoção a Cristo e da fidelidade com que a Igreja recorda a Sexta-feira como o dia do maior acontecimento na nossa redenção. Que os não-católicos silenciassem sobre este uso católico eu poderia compreender. Mas que ainda professes ser cristãos e então censurem a Igreja Católica por um ato tão generoso e amável em honra de Cristo, e isto apenas porque eles mesmos não o fazem, é espantoso.

38. A Bíblia diz que o Anticristo mandará os homens abster-se de carnes (1 Tim 4, 3).

A referência é aos homens que ensinam que a carne é má em si mesma, e que declaram ser mau comê-la em quaisquer circunstâncias. Mas os católicos não crêem nem ensinam isto. Quase todo açougueiro dirá a você que fornece carne regularmente a muitos frequentes católicos.

39. Quando foi que começou a prática da abstinência às Sextas-feiras?

Nas mais remotas épocas da Igreja. A prática é mencionada no "Didache" ou Doutrina dos Doze Apóstolos, livrinho escrito por um dos seguidores imediatos dos Apóstolos no ano 90.

40. Quem foi que disse que todo homem irá para o inferno se comer carne na Sexta-feira?

Ninguém. A Igreja Católica diz que é pecado mortal para um católico o comer carne às Sextas-feiras consciente e voluntariamente, sem razão suficientemente grave e desculpadora. Depois essa Igreja diz que, se um homem morrer em pecado mortal sem arrependimento, irá para o inferno.

41. Eu não censuro os Católicos por se absterem voluntariamente de carne às Sextas-feiras, mas pelo fazerem por obrigação praticando uma virtude de necessidade.

Isto não é verdade. Nenhum católico é fisicamente forçado a abster-se de carne às Sextas-feiras. Trata-se de uma obrigação moral, que junta a virtude da obediência à virtude da mortificação cristã. Segundo o seu método de raciocínio, você diria que um homem deveria abster-se voluntariamente de roubar, e que é errado fazer isso porque Deus disse: "Não roubarás". E acaso as leis da terra destróem a virtude dos cidadãos por haver uma obrigação moral de as observar?

42. Os Católicos não devem abster-se de bebidas intoxicantes às Sextas-feiras?

Não há lei que os obrigue a assim fazer. Por certo, há também a lei da consciência, que proíbe beber

em excesso em qualquer dia. Contudo, embora não haja lei proibindo a bebida moderada às Sextas-feiras, seria uma ação muito boa e meritória se um homem voluntariamente se abstivesse de bebida alcoólica nesse dia, em espírito de mortificação e de renúncia. Mas isso não o dispensaria da obrigação de se abster de carne. Cumpra o homem a lei, e depois faça mais se o desejar. A obediência é melhor do que sacrifícios impostos pelas próprias opiniões.

43. Não seria melhor para a Igreja proibir bebidas intoxicantes do que proibir carne inofensiva?

Não. A Igreja deseja proibir uma coisa que faça falta à maioria do seu povo. Praticamente todos comem carne; mas nem todos, absolutamente, bebem intoxicantes. Todos estão unidos num ato comum de mortificação. Há uma tendência nos homens para pensar que tôdas as leis deveriam conformar-se às suas idéias favoritas. Um homem gosta de carne e não gosta de bebida. Por isto sugere que a Igreja deveria proibir antes a bebida do que a carne. Mas a bebida não afeta todos os homens, ao passo que a carne afeta praticamente todos.

ÍNDICE

Os adventistas	5
Origem do adventismo	6
William Miller	7
Primeira Igreja adventista	8
Divisões adventistas	10
Ellen G. White	11
Adventistas do Sétimo Dia	12
Ensinamentos Adventistas	14
Juízo agora	15
Imortalidade da alma humana	17
O milênio	18
Observância do sábado	20
Ensino do Novo Testamento	21
Atitude de Cristo	23
A Igreja primitiva	24
Lei para os cristãos	25
Posição adventista	26
Ódio a Roma	27
"A Bêsta papal"	29
Para trás dos tempos	32
Diálogo entre um adventista e um católico	35